

Inventário da Vegetação Cultivada na Praça da República: um estudo para a conservação e tombamento dos jardins de Burle Marx

Keylla Michelline Miranda da Silva¹, Narcisa Juliana Holmes Chagas¹,
Ana Rita Sá Carneiro² e Roxana Cardoso Barreto³

Introdução

O resgate da contribuição histórica e paisagística de Roberto Burle Marx na Cidade do Recife como patrimônio cultural está sendo desenvolvido no projeto “A Conservação dos Jardins de Burle Marx: Inventário e Tombamento”, pioneiro no Brasil. A pesquisa trata do conhecimento da diversidade de espécies utilizadas pelo paisagista para o futuro tombamento desses espaços como importantes componentes da paisagem na cidade. Foram selecionados oito dos onze jardins idealizados pelo paisagista e entre os escolhidos está a Praça da República, Recife, PE.

A origem desta praça nos faz voltar ao século XVII, quando o Conde João Maurício de Nassau Siegen (Fig.1A), governador do Brasil holandês, iniciou o plantio de um parque em torno do Palácio de Friburgo. Segundo Sá Carneiro & Mesquita [1], provavelmente este foi o primeiro jardim renascentista das Américas, incluindo um jardim zoobotânico, hortas e pomares, jardins de flores e plantas medicinais, vindo a ser a primeira área verde do Recife. Com o retorno de Nassau e a expulsão dos holandeses, tudo foi destruído, exceto o palácio de Friburgo, servindo de moradia para governadores. Ainda, de acordo com Sá Carneiro & Mesquita [1] o Conde da Vista foi o responsável pela a restauração do espaço onde existia o parque e a construção do palácio do governo em 1841. Após a proclamação da república, a praça recebeu o nome que conhecemos hoje: Praça da República, pois já se chamara Praça do Palácio Velho, Campo do Erário, Campo da Honra e Campo dos Mártires, quando líderes republicanos da Revolução de 1817 foram enforcados na praça. Por volta de 1930 foi inaugurado o Palácio da Justiça e realizada uma reforma da praça, pelo ilustre paisagista Burle Marx, o qual sugeriu um lago, com uma fonte central (Fig. 1B, 1E) demarcado por palmeiras imperiais, que constituem uma marca registrada de sua personalidade paisagística, e estátuas de deuses espalhadas pela praça.

A Praça da República atualmente encontra-se dividida em duas partes de tamanhos diferentes: uma maior, com o Palácio do governo a frente e o Palácio da Justiça ao fundo, dois prédios imponentes e de grande ligação histórica com a cidade; e a outra, menor (Fig. 1D), com o rio Capibaribe ladeando uma de suas arestas.

A iniciativa de proteger os jardins históricos de Burle Marx no Recife como patrimônio cultural visando a conservação de sua paisagem é o objetivo primordial do

de amostras destes indivíduos, auxiliadas por podões, tesouras de poda e prensas, visando sua análise em laboratório para a identificação das espécies, com base em bibliografia especializada, como Lorenzi [2,3,4], e posterior listagem. As amostras foram herborizadas para a incorporação das exsicatas ao Herbário UFP, como material testemunho do inventário.

Resultados

Foram encontradas 21 espécies distribuídas em oito famílias, indicadas na Tabela 1, com predominância de Arecaceae, com suas formas diversificadas de palmeiras. Esta família é exaustivamente utilizada por Burle Marx, estando presente em quase todas as praças idealizadas pelo paisagista.

Discussão

A praça está localizada em um ponto de grande importância histórica e cultural, além de turística, tendo belas construções ao seu redor, como o Palácio do Governo, Palácio da Justiça,

Teatro Santa Isabel, Liceu de Artes e Ofícios e como pano de fundo a paisagem do Recife Antigo que fica à margem oposta do Rio Capibaribe. Considerando o potencial fluxo de visitantes, torna-se lamentável que as praças sejam cercadas por grades com portões fechados (Fig.1C), tendo a praça de maior extensão quatro entradas, das quais apenas uma permanece aberta.

Com quase total fechamento do espaço há o declínio de visitantes conhecedores ou não do seu valor histórico – paisagístico – cultural, impedindo o deleite deste tesouro e privando as pessoas de conhecerem as estátuas dos deuses antigos que ali se encontram, bem como desfrutarem das sombras oferecidas pela enorme mangueira, deslumbrarem-se com o tamanho e a forma do baobá e suas belíssimas flores, ou ainda despertarem suas atenções para a estátua de Maurício de Nassau, destacado personagem da história pernambucana.

A praça de menor extensão encontra-se em pior estado, pois apesar da enorme diversidade de palmeiras, do belo flamboyant e das estátuas do Conde da Boa Vista e do Eterno Transeunte, como homenagem aos seus frequentadores, estes não podem ser contemplados, pois a praça está completamente fechada.

Além da confirmação do valor histórico-cultural da Praça da República, bem como a importância de seu tombamento, foi constatado que a retração do fluxo de

1 Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, Av. Prof. Nelson Chaves, s/n, Cidade Universitária, Recife, PE, CEP 50.670-420. E-mail: keylla_miranda@yahoo.com.br

2 Professora Adjunta do Departamento de Arquitetura / Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Av. Prof. Moraes Rego, s/n, Recife, PE, CEP 50.670-901

3 Professora Adjunta do Departamento de Botânica / Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, Av. Prof. Nelson Chaves, s/n, CEP 50.670-420 Cidade Universitária, Recife, PE

transeuntes é uma falha muito grave para um jardim público, pois como seu próprio nome sugere, ele deve estar à disposição de seus frequentadores. Torna-se evidente que a praça, deve ser conservada, mas com os portões fechados todo este patrimônio se afasta do cotidiano da população, que não atribui o devido valor a este tesouro, trancado a sete chaves.

Referências

[1] SÁ CARNEIRO, A.R. & MESQUITA, L.B.; 2000. Espaços livres do Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife / Universidade Federal de Pernambuco. p. 76-77.

[2] LORENZI, H.; SOUZA H.M.; MEDEIROS-COSTA, J.T.; CERQUEIRA, L.S.C. & BEHR, N. 1996. Palmeiras do Brasil: exóticas e nativas. Nova Odessa, SP: Editora Plantarum. 303p.

[3] LORENZI, H. 2001. Plantas Ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 3. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum. 720p.

[4] LORENZI, H. & MELO FILHO, L.E. 2001. As plantas tropicais de R. Burle Marx. Nova Odessa - SP: Instituto Plantarum. 488p.

Tabela 1. Lista das espécies encontradas na Praça da República.

Nome popular	Nome científico	Família
Aroeira-vermelha	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	ANACARDIACEAE
Baobá	<i>Adansonia digitata</i> L.	BOMBACACEAE
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	ANACARDIACEAE
Carne-de-vaca	<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	PROTEACEAE
Cássia amarela	<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S. Irwin & Barneby	FABACEAE
Coqueiro	<i>Cocos nucifera</i> L.	ARECACEAE
Figueira	<i>Ficus benjamina</i> L.	MORACEAE
Flamboyant	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Drude) Raf.	FABACEAE
Ipê-roxo	<i>Tabebuia avellanae</i> Lorentz ex Griseb.	BIGNONIACEAE
Licuala	<i>Licuala grandis</i> H. Wendl. ex Linden	ARECACEAE
Macaibeira	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	ARECACEAE
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	ANACARDIACEAE
Oitizeiro	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	CHRYSOBALANACEAE
Palmeira-católé	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	ARECACEAE
Palmeira-de-leque	<i>Livistonia australis</i> (R.Br.) Mart.	ARECACEAE
Palmeira-de-leque	<i>Sabal palmetto</i> (Walter) Lodd. ex Schult.	ARECACEAE
Palmeira-de-leque-de-fiji	<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	ARECACEAE
Palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota mitis</i> Lour.	ARECACEAE
Pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	FABACEAE
Pau-d'arco	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	BIGNONIACEAE
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	FABACEAE



Figura 1. Vários ângulos da Praça da República. Fig. 1A Estátua do Conde Maurício de Nassau; Fig. 1B Praça de maior extensão, com o Palácio do Governo ao fundo; Fig. 1C Gradil da praça de maior extensão; Fig. 1D Praça menor com a estátua central do Conde da Boa Vista; Fig. 1E Fonte central da praça de maior extensão, com o Palácio da Justiça ao fundo.